

## Bom senso não tem patente

Rogério L. Furquim Werneck\*

Era só o que faltava. Graças à boa gestão da política macroeconômica, o País deve crescer 5% este ano, com inflação baixa, contas públicas sob controle e contas externas cada vez mais sólidas. Com engenho e um mínimo de sorte, no final de 2006 o governo talvez possa mostrar três anos seguidos de expansão econômica a taxas relativamente altas e boas perspectivas de crescimento sustentado. Qualquer um diria que não é pouco. Pois não é bem o que pensa grande parte do governo. Vem ganhando força na coalizão governista a idéia de que esse tipo de sucesso, por bom que seja, não tem serventia eleitoral, porque a política macroeconômica que o governo usa é de marca tucana. Parece incrível, mas variações desse argumento vêm surgindo a todo tempo no debate recente, para alegria dos tucanos – até dos “desenvolvimentistas” – que agora se esmeram na pose de detentores da marca registrada.

Lula, pelo menos, ainda não parece afetado por esse tipo de preocupação. Suas declarações recentes têm denotado convicção de que a política macroeconômica está no rumo certo. O que se teme, contudo, é que a fermentação dessas dúvidas no PT torne cada vez mais altos os custos de manter a coerência da política macroeconômica. Seria lamentável para o País se, logo agora, quando afinal começam a ser colhidos os frutos de uma política fundada no bom senso, o governo decidisse mudar a rota pela mais idiota das razões. Por entender que, nessa matéria, o lugar da defesa do bom senso já está ocupado pelos tucanos. Colocado assim, parece ridículo, mas é disso mesmo que se trata.

Petistas que resistem ao argumento de que bom senso não tem patente, pelo menos devem ter em conta que a política macroeconômica que adotaram é bem menos tucana do que alardeiam seus adversários. Tendo estado tão redondamente errado, o PT não consegue perceber quão equivocados já estiveram os tucanos nessa questão. Por surrada que seja, ainda é útil a imagem de que a conversão do PT deveu-se à visão nítida do abismo que teve Lula em 2002. Na mesma linha, talvez valha a pena lembrar que a “conversão de FHC” foi muito ajudada pela visão de fundo de abismo que teve, menos de quatro anos antes, no início de 1999. Foi só aí que seu governo afinal abandonou a ambivalência do primeiro mandato e passou a levar a sério a adoção de uma política macroeconômica coerente. Mas a conversão de FHC não significou de forma alguma a conversão dos tucanos. Muito pelo contrário. Durante o segundo mandato, a ala “desenvolvimentista” do PSDB manteve oposição implacável à política macroeconômica do governo.

No início dessa semana, em debate realizado em São Paulo, FHC afirmou que os tucanos perderam a batalha para o PT em 2002 por não terem sabido defender as políticas do seu governo. É bem possível que tenha razão. Mas não foi surpreendente que a defesa tivesse sido tão pífia. Afinal, os tucanos se apresentaram nas eleições presidenciais com um candidato que era opositor notório da política econômica do governo, e que não escondia seu constrangimento com a necessidade de manter as aparências e disfarçar suas piores críticas com eufemismos. Ficou mais do que claro, na campanha, que a política macroeconômica FHC não contava com o apoio de qualquer um dos quatro candidatos relevantes.

Com a derrota de seu candidato, os “desenvolvimentistas” chegaram a promover na mídia, como consolo, ruidosa comemoração do enterro do “fernando-malanismo”. Nos primeiros meses do governo Lula, quando constataram que os festejos haviam sido um tanto prematuros, passaram a vaticinar que, com a persistência no “fernando-malanismo”, o novo governo só poderia colher desastre e estagnação. Curiosamente, passado um ano e meio, se tanto, e com a economia crescendo a nada menos do que 5%, esses mesmíssimos “desenvolvimentistas” declaram-se agora de “alma lavada” porque o PT pegou “nosso” plano de vôo emprestado. O que mostra como são ilimitadas as possibilidades de atuação política num país que se habituou a ter memória curta.

Quando houver perspectiva histórica suficiente, é bem possível que se registre, como um dos maiores feitos de FHC e sua equipe econômica, o importante papel que desempenharam no esforço de trazer a política macroeconômica do PT para o *common ground* de idéias compartilhadas entre governo e oposição. Será lamentável se a elite do PSDB se dedicar agora a tentar empurrar o PT de novo para fora do *common ground*, contestando sua legitimidade para levar adiante a política macroeconômica que vem conduzindo com inegável sucesso.

---

\* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.